

**A CRÍTICA DAS
PRÁTICAS NO DIZER
DO REPÓRTER**

CRITICISM OF THE PRACTICES IN
THE REPORTER'S MEAN

LA CRÍTICA DE LAS PRÁCTICAS
EN EL DECIR DEL REPORTERO

Angela Zamin^{1, 2}

RESUMO

A presente reflexão trabalha pistas ofertadas por jornalistas no esforço de, pela crítica, problematizar o regime das práticas. De modo aproximado, amplia a compreensão sobre o jornalismo, os sujeitos e as mediações, a partir de textos em que jornalistas examinam como os acontecimentos se engendram ao mesmo tempo em que elaboram uma crítica articulada à experiência e ao lugar de fala. Os "textos" analisados foram recolhidos no *Twitter* e no *Facebook* em perfis pessoais de jornalistas brasileiros e perpassam as negociações nas redações, os constrangimentos enfrentados, a preferência pelas versões das agências, a dependência das fontes oficiais e de seus enredos, os erros ou elementos negligenciados no processo de produção. Evidenciam a decisão do jornalista em dar a ver a "si mesmo" e às práticas jornalísticas, que se naturalizam sem serem suficientemente expostas e refletidas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Práticas jornalísticas; Crítica.

¹ Doutora e mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Graduada em Comunicação Social: Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). Email: angelazamin@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, Linha 7 de Setembro, s/n BR 386 Km 40, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

ABSTRACT

This study analyzes clues left by journalists in their effort through criticism to problematize the practices regime. This study aims to contribute to the comprehension about journalism, the subjects and the mediations, based on texts in which journalists examine how events are engendered at the same time that they produce an articulated criticism of the experience and the speech condition. The "texts" analyzed were collected in personal *Twitter* and *Facebook* accounts by Brazilian journalists. These texts are pervaded by the negotiations in the newsrooms, the embarrassments faced, and the preference for the agencies versions, the dependency of official sources and its plots, the mistakes or elements neglected in the production process. It is evidenced the decision of the journalists of showing "themselves", and the journalistic practices that are naturalized without being adequately exposed and reflected.

KEYWORDS: Journalism; Journalistic practices; Criticism.

RESUMEN

La presente reflexión discute pistas ofertadas por los periodistas en el esfuerzo de, por la crítica, problematizar el régimen de las prácticas. De modo aproximado, amplía la comprensión sobre el periodismo, los sujetos y las mediaciones, a partir de textos en que los reporteros examinan como los acontecimientos se engendran al mismo tiempo en que elaboran una crítica articulada hacia la experiencia y el lugar de habla. Los "textos" analizados fueron elegidos en *Twitter* y en *Facebook* en perfiles personales de periodistas brasileños y tratan de las negociaciones en las redacciones, a veces de situaciones vergonzosas enfrentadas, la preferencia por las versiones de las agencias, la dependencia de las fuentes oficiales y de sus enredos, los errores o elementos olvidados en el proceso de producción. Evidencian la decisión del periodista en dejar verse a "sí mismo" y las prácticas periodísticas, que se naturalizan sin suficientemente ser expuestas y reflexionadas.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p327>

PALABRAS CLAVE: Periodismo, Práticas periodísticas; Crítica.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 17.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Modos de entrada

A presente reflexão trabalha pistas ofertadas por jornalistas no esforço de, pela crítica, problematizar o regime das práticas. De modo aproximado, amplia a compreensão sobre o jornalismo, os sujeitos e as mediações a partir de textos em que jornalistas examinam como os acontecimentos se engendram e elaboram uma crítica articulada à experiência. Considera, para tanto, que a crítica “pode ser definida como a atitude reflexiva de confronto com o mundo, motivada ou não pela ação dos outros” (RÜDIGER, 2014, p. 122). Para Vaz (2006, p. 16), “toda crítica supõe distanciamento, mas, numa sociedade que radicaliza sua historicidade, a crítica não pode se situar fora de seu tempo”.

A investigação³ que orienta a presente análise tem identificado iniciativas individuais de jornalistas, orientadas por uma vigilância sobre e uma reflexão acerca dos processos jornalísticos. Ainda, são atravessadas pela autorreferencialidade porque “devedora de uma decisão do próprio sujeito jornalista em dar a ver o processo narrativo e laboral que torna o jornalismo possível de determinado modo e não de outro” (ZAMIN, SCHWAAB, 2017, p. 172). Ao percorrer fragmentos de textos em que jornalistas examinam o jornalismo, o ângulo proposto parte do entendimento de que as proposições que circulam são trabalhadas a partir do sistema jornalístico que, por funcionar segundo um padrão, se insinua também em espaços não institucionais.

Os “textos” sobre o jornalismo – aqui analisados – foram recolhidos no *Twitter*⁴ e no *Facebook*⁵ a partir do acompanhamento sistemático de perfis de

³ Trata-se da pesquisa “A crítica das práticas no interior do sistema jornalístico”, vinculada ao Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM).

⁴ “O *Twitter* é uma ferramenta para a publicação de micromensagens na qual, originalmente, os usuários são convidados a responder à pergunta “O que você está fazendo?” em até 140 caracteres. Ali, é possível construir uma página e “seguir” e ser “seguido” por outros “*Twitters*”. Cada *Twitter* seguido tem suas mensagens publicadas (também chamadas “*tweets*”) para os seguidores. [...] As mensagens que utilizam uma “@” seguida do nome de um usuário viram links e po-

jornalistas brasileiros que atuam, especialmente, na editoria de Internacional de jornais de referência (ZAMIN, 2014). Os perfis são pessoais, não das empresas jornalísticas em que atuam. De modo geral, duas observações podem ser feitas acerca destes perfis. Primeiro, servem para informar e direcionar para produções informativas e/ou opinativas de autoria própria,⁶ colocando-as em circulação. Este processo “encontra-se *entre* a disponibilização da produção e o acesso ao consumo” (BRAGA, 2006, p. 28), é o de “fazer chegar”. Segundo, permitem uma atitude reflexiva acerca das práticas jornalísticas que se origina na experiência e em proposições assertivas. Em alguma medida, a crítica jornalística ali esboçada é articulada à experiência e à condição de fala. “Por ter estado em corpo presente na cena do acontecimento, o repórter projeta-se no relato [...], a fim de legitimar o seu lugar de fala” (LEAL, LAGE, 2015, p. 66).

Para Larrosa Bondía (2002), o acontecimento é comum, a experiência é singular. Por isso, ele não se refere à verdade, mas a um saber relativo e contingencial, particular, que produz heterogeneidade e pluralidade. “Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um

dem ser rastreadas pelo usuário citado, aparecendo para ele em uma aba específica denominada “Respostas” ou “Replies”. Além disso, o nome do usuário torna-se link e pode ser clicado pelos demais usuários, que vão, assim, à sua página no *Twitter*. [...] Também é possível repassar mensagens de usuários que são seguidos para os seguidores através de um botão denominado “Retweet”. Esse botão repassa automaticamente uma determinada mensagem para a rede social do usuário” (FRAGOSO et al, 2012, p. 90-91 [grifos no original]).

⁵ Site de rede social na internet. “O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros” (RECUERO, 2009, p. 171).

⁶ “A autoria no jornalismo não pode ser relacionada diretamente à função de autor [...]. No texto jornalístico, essa autoridade se delinea no estilo autoral, mas é diluída no coletivo da redação, nas marcas discursivas de impessoalidade, ou seja, em uma não-autoria em seus efeitos de objetividade” (MAROCCO, 2015, p. 75).

saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular” (2002, p. 27).

A experiência, segundo Foucault (1984), é perpassada por jogos de verdade, relações de poder e formas de relação consigo e com os outros. Esses mesmos elementos também estão implicados no que o filósofo francês designa de atitude crítica: “certa maneira de pensar, de dizer, de agir igualmente, uma certa relação com o que existe, com o que se sabe, o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação com os outros também”. Foucault (1990, p. 1-2) situa a atitude crítica entre a grande empreitada kantiana e as pequenas atividades polêmico-profissionais. A experiência conduz à atitude crítica que, por sua vez, se constitui em instrumento, “meio para um devir” (FOUCAULT, 1990, p. 2). Do mesmo modo, a atitude crítica consistiria em uma forma de experiência, de experimentação situada no tempo e no espaço, diferente e singular, devedora da subjetividade.

O texto que segue é o resultado de um trabalho de análise de duas postagens do jornalista Jamil Chade⁷ no *Facebook*. Chade é correspondente de *O Estado de S. Paulo* na Europa desde 2000. Integra a *Anti-Corruption Solutions and Knowledge*, rede mundial de especialistas que combatem a corrupção. As postagens têm como origem três coletivas de imprensa realizadas na Suíça: a

⁷ “Com missões a mais de 65 países, Chade viajou com Papa Bento XVI e Papa Francisco ao Brasil, percorreu a África com o secretário-geral da ONU, Ban Ki Moon, acompanhou refugiados no Iraque, Somália, Darfur e Libéria, e centenas de outras histórias. Suas reportagens sobre os bastidores do esporte mundial renderam ao repórter diversos prêmios, além de participações na CNN, BBC, canais espanhóis, canadenses, suíços e de diversos países”, destaca *O Estado de S. Paulo*. Jamil Chade publicou quatro livros: *O Mundo Não é Plano* (2010), finalista do Prêmio Jabuti e vencedor do prêmio Nicolas Bouvier, principal reconhecimento jornalístico na Suíça; *Rousseff* (2011); *A Copa como ela é* (2014) e *Política, Propina e Futebol* (2015). Ainda segundo o jornal, “Chade foi um dos pesquisadores que colheu material para a Comissão Nacional da Verdade. Seu trabalho consistiu em pesquisar os arquivos da ONU para entender qual foi a participação da diplomacia brasileira na defesa do regime militar”. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-chade/>>.

primeira na Organização Mundial de Saúde (OMS), em fevereiro de 2016; as outras duas, no Comitê Olímpico Internacional (COI), em março do mesmo ano. Ao refletir sobre o jornalismo, tece críticas às rotinas produtivas – especialmente de apuração e edição – e ao uso das informações tanto pelos meios, aqui incluídas as agências, como pelas fontes.

Descontinuidades e negociações

Tomado como texto, o post *Nos bastidores de um erro global*, de 1º de fevereiro de 2016, de Jamil Chade, refere-se às apropriações das informações repassadas pela Organização Mundial de Saúde durante coletiva de imprensa em sua sede, em Genebra, Suíça, na mesma data. O pronunciamento da entidade tinha relação direta com o Brasil, já que o país vinha registrando um aumento significativo no número de casos de microcefalia. A situação no país e uma possível relação entre a microcefalia e o zika vírus atraiu a atenção de cientistas e governos e determinou a recomendação global pela Organização Mundial de Saúde.

Antes de expor no *Facebook* a reflexão sobre o jornalismo, suas lógicas e seus sujeitos, via *Twitter* – cronologicamente – o correspondente anuncia a realização da coletiva – “OMS convoca coletiva de imprensa para as 3:30pm (horário de Brasília) para anunciar decisões sobre zika vírus”⁸ e “A partir das 3:30pm horário brasileiro, acompanhe por aqui anúncio da OMS sobre zika”⁹ –, traz a informação nela apresentada – “OMS declara microcefalia emergência internacional, mas exclui por enquanto zika diante de falta de provas da relação entre vírus e doença”¹⁰ e “OMS: ‘zika não é emergência por si. Não é

⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/JamilChade/status/694189913554698240>>.

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/JamilChade/status/694194756633649152>>.

¹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/JamilChade/status/694225000765734912>>.

cl clinicamente séria. O que é emergência é microcefalia”¹¹ – para, posteriormente, tratar de sua repercussão – “BBC muda seu lide para arrumar o erro de declarar zika como emergência internacional”.¹²

Interessante observar, ainda, as respostas aos *tweets* de Chade. Ao informar que “OMS declara microcefalia emergência internacional” recebe como resposta: “@JamilChade @g1 mancheteou o contrário. OMS acaba de declarar que o Zika vírus é emergência de saúde pública internacional”. O comentário indica uma diferença na informação apresentada. Ao fazer menção à BBC, dentre as respostas estão: “@JamilChade Faltam os grandes portais, exceto o Estadão, corrigir” e “@JamilChade e a informação errada se disseminou pelas agências, sites, jornais...”. Outros agentes, além de Chade, repercutem o comportamento de jornais, agências e portais de notícia frente à informação transmitida pela OMS em sua coletiva de imprensa. Isso nos leva uma vez mais a recorrer à ideia de Bourdieu (1997, p. 32) de que, como parte instrumental do trabalho jornalístico, é preciso “saber o que os outros disseram”, movimento que auxilia na obtenção ou verificação de dados.¹³ Borrat (1989) corrobora esta perspectiva ao afirmar que os meios orientam suas atuações um a partir do outro.

O trabalho não se encerrou após tornar pública a informação no *Twitter* e publicar a matéria *OMS declara microcefalia como emergência internacional*¹⁴ no portal de *O Estado de S. Paulo* – no dia seguinte, três páginas da Editoria

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/JamilChade/status/694227877827575809>>.

¹² Disponível em: <<https://twitter.com/JamilChade/status/694239723607429120>>.

¹³ “O teórico francês, em sua análise do jornalismo como campo de autonomia incompleta, critica esse movimento da produção para a produção, no interior do sistema comunicacional, por favorecer a uniformidade do que é ofertado: dos temas, dos convidados, do que não se pode deixar de abordar” (ZAMIN, 2011, p. 252).

¹⁴ CHADE, Jamil. OMS declara microcefalia como emergência internacional. **Estado**, 1º fev. 2016. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral.oms-declara-microcefalia-como-emergencia-internacional,10000014421>>.

Metrópole, do Primeiro Caderno, foram dedicadas ao posicionamento adotado pela OMS. Como a informação resultou – inicialmente – em notícias díspares, Jamil Chade utilizou-se do *Facebook* para um movimento reflexivo em que faz as discontinuidades aparecerem, por uma descrição que não se pretende total, antes perspectiva, parcial. Foucault (2008, p. 146) sugere “definir as relações que estão na própria superfície das coisas [...], tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas”.

Eu sempre me perguntei o que ocorreria se, um dia, as maiores agências de notícias do mundo dessem, ao mesmo tempo, uma notícia equivocada.

O mundo teria de se adaptar à “nova verdade” criada e difundida pelos sites ou haveria uma brecha para contar a versão correta?

Hoje, esse dia chegou. (CHADE, 2016a).

O jornalista inicia *Nos bastidores de um erro global* com interrogações acerca do que aconteceria se as agências de notícia – as maiores – dessem uma notícia equivocada. “Haveria uma brecha para contar a versão correta?” (CHADE, 2016a). Por essas indagações, traz à tona a questão da dependência do jornalismo das agências de notícia.¹⁵ Porque, simbolicamente, estão em todos os lugares ao mesmo tempo, as agências são parte importante da rede informativa (BORRAT, 1989; FISHMAN, 1983; TUCHMAN, 1983) que há por trás de cada meio de comunicação. A rede informativa, por sua vez, expressa a ordem institucional que, junto das ordens de produção e discursiva dimensiona o jornalismo (SILVA, MAROCCO, 2008). A dependência indicada pelo repórter é

¹⁵ O debate sobre esta relação não é recente. Já nos anos 1970, a necessidade de uma reorganização dos fluxos globais de informação orientou o projeto internacional conhecido como Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic), que recebeu o apoio da Unesco. O Relatório MacBride, publicado em 1980, reconhecia a existência de desequilíbrio no fluxo mundial de informação e propunha mudanças e estratégias para redistribuir e equilibrar os fluxos de informação entre países.

reforçada – ainda – pelo emprego do adjetivo maior, comparativo de superioridade que sugere a existência de agências mais e menos importantes.

O jornalista indaga se “o mundo teria de se adaptar à “nova verdade” criada e difundida pelos sites” (CHADE, 2016a). Temos aí dois substantivos apresentados entre aspas, o que pode sinalizar tanto destaque como ironia. Ambos encontram espaço nas teorias do Jornalismo. Gans (1980) elenca a novidade como valor-notícia. Novo ou novidade¹⁶ que pode ser entendida enquanto “algo qualitativo, uma relação mental direta entre o sujeito e o objeto, o que era até o momento desconhecido” (GROTH, 2011, p. 224). A verdade,¹⁷ conceito filosófico controverso, aponta para uma relação entre linguagem e realidade postulada pelo jornalismo. “Transformada em princípio ético – tal como a referem os códigos deontológicos –, a verdade jornalística parece tornar-se, no fundo, apenas um ideal de honestidade ou credibilidade do repórter e de suas fontes, ou dos próprios media” (TAMBOSI, 2007, p. 36-37).

Na OMS, eu recebi a info de que a microcefalia seria decretada como emergência internacional uma hora antes de todos os demais. O Zika vírus não seria uma emergência.

Para garantir que não houvesse qualquer erro, optamos por esperar pela coletiva de imprensa.

Quando ela ocorreu, a notícia estava confirmada e soltamos no ar segundos depois. (CHADE, 2016a).

É a partir deste trecho que Jamil Chade faz ingressar em sua análise os meandros da produção jornalística, revelando a exclusividade no acesso à informação, “antes de todos os demais”, e a opção “por esperar pela coletiva de imprensa” para somente depois publicar qualquer notícia referente à coletiva. O

¹⁶ Importante não confundir novidade e atualidade, esta atributo indispensável ao jornalismo, condição *sine qua non* para o ingresso de qualquer acontecimento nos meios informativos.

¹⁷ Sobre verdade ver: Cornu (1994).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p327>

correspondente chama atenção para algo que voltará em sua reflexão: as negociações que formam parte da rotina jornalística. Segundo Schudson (1991, p. 17), “a criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, desejos da audiência e as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar”.

Mas, para a surpresa da OMS, os sites das agências globais diziam que a emergência era de zika.
Confusão estabelecida! (CHADE, 2016a).

O repórter aponta aqui para a incorreção entre a informação repassada pela OMS e as notícias veiculadas por agências de notícia em seus sites. Permite observar o funcionamento da cobertura de internacional que “amplifica as características e os problemas da profissão” (SILVA, 2011, p. 11).

Uma jornalista de uma agência não anglo saxã ouviu de sua editora que se recusaria a publicar a matéria dela. “Você viu que a Reuters está dando outra coisa que você?”, disse a editora em outro continente.

Ao meu lado, uma jornalista europeia tentava convencer seu jornal a acreditar nela. “Mas você viu que a BBC está dizendo outra coisa?”, disse seu editor.

Um jornalista japonês na mesma sala tentava convencer seu chefe ao telefone que o NYT, que sequer estava em Genebra, tinha também errado.

Poucos foram os jornais que bancaram seus repórteres que passaram horas esperando a reunião na sede da OMS. (CHADE, 2016a).

Jamil Chade aponta para as negociações que perpassam os processos de produção e edição jornalísticas. Wolf (2003, p. 200), ao retomar Magistretti, afirma que o produto jornalístico resulta “de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de

que modo deve ser inserido” e que “ocorrem em momentos diversos do processo de produção”. Aqui chama a atenção o fato de agências e jornais de referência terem, para os editores de alguns meios de comunicação, mais credibilidade que seus próprios jornalistas que – como enviados ou correspondentes – encontram-se nos lugares em que os acontecimentos têm existência, como no excerto: “Um jornalista japonês [...] tentava convencer seu chefe ao telefone que o NYT, que sequer estava em Genebra, tinha também errado”.

Segundo Silva (2011, p. 11), a correspondência internacional “é a que dá mais dificuldade para os editores (porque estes estão distantes do local dos fatos e não conseguem exercer o mesmo tipo de controle que têm sobre os repórteres locais)”. Além desse, outro problema é apontado pelo autor como relevante na relação entre editores e correspondentes: a má assistência na sede que, muitas vezes, resulta em incompreensão acerca da linha editorial que deve ser seguida na redação. “E a função do correspondente é mostrar o que pode acontecer de acordo com a perspectiva de quem toma a decisão” (2011, p. 34).

[...] a edição revela também o ‘caráter’ da organização do trabalho e a cultura da comunidade jornalística em que o editor se movimenta. O profissionalismo e a hierarquização das atividades nas Redações consolidaram critérios universalizados e ‘objetivantes’ para sustentar escolhas que, no fundo, são particulares. Nas decisões editoriais, quase sempre falam mais alto os ‘parâmetros’ profissionais, os pressupostos técnicos, os limites do trabalho de edição. Cada posição é tomada por uma ‘pessoa jurídica’ – e nem por isso dá menos margem à revelação de caráter se a responsabilidade sobre a decisão fosse creditada à ‘pessoa física’ do editor. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 27).

A edição, segundo Marocco e Berger (2006, p. 17), “está inscrita em um quadro complexo de produção jornalística, que conjuga o gesto individual, as

estratégias empresariais e as práticas jornalísticas a condições históricas de possibilidade". Fígaro et al (2015, p. 229) amplia tal compreensão ao afirmarem que "[...] os mecanismos processuais e prescritivos de como trabalhar já contêm as formas de controle da expressão. Geram rotinas produtivas cujo sentido é o de neutralizar as especificidades e as características do fazer, do trabalhar de cada um".

[...] pouco a pouco, os sites dos poderosos meios globais foram mudando suas versões. De mansinho, para não ter de assumir os erros.

E, assim, pouco a pouco os sites de todo o mundo também foram se adaptando, com horas de atraso e depois de gritar no berro das manchetes uma informação global errada.

O mundo é em inglês. Não tenho dúvidas disso. Erros acontecem. Todos já cometemos. Mas, aqui das trincheiras, é um alívio saber que tenho chefes que ainda bancam a versão do repórter que contradiz até as grandes donas da verdade. (CHADE, 2016a).

Há, no jornalismo, "silêncio sobre certas práticas jornalísticas cotidianas" (ZAMIN, SCHWAAB, 2017, p. 164). Jamil Chade aponta para o que comumente não se examina no jornalismo: as discontinuidades. Assim, pela postagem, são assinalados as negociações nas redações, a preferência pelas versões trazidas por agências e os constrangimentos sofridos pelos repórteres neste *enjeu* e, por fim, a dificuldade em assumir erros.¹⁸ O jornalismo está sujeito a desacertos nas diversas etapas do processo produtivo. No exemplo anteriormente apresentado e no que encerra a postagem, a seguir, é evidenciado que a preferência pelas versões propostas por agências de notícia induz a erros. Repará-los, todavia, tem consistido apenas em mudar as versões publicadas nos sites, "de mansinho, para não ter de assumir os erros" (CHADE, 2016a).

¹⁸ Sobre erros no jornalismo ver: Christofolletti, Vieira (2013), Meyer (2007) e Silva (2001).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p327>

(PS: semana passada isso já tinha ocorrido quando quase todos no Brasil embarcaram numa agência de notícias que se enganou e disse que haveria 1,5 milhão de casos de zika no Brasil em 2016. Problema que esse número simplesmente não existe. E teve gente que até mancheteou). (CHADE, 2016a).

Apuração como antídoto

Em *Como se fabrica uma ilusão*, postagem de 3 de março de 2016, Jamil Chade novamente traz reflexões sobre o jornalismo a partir de coletivas de imprensa. Realizadas no Comitê Olímpico Internacional (COI), organização não governamental com sede em Laussane, Suíça, as coletivas a que se refere versavam sobre os jogos olímpicos no Rio de Janeiro, outro tema de interesse no Brasil. Na notícia publicada no portal de *O Estado de S. Paulo*, na mesma data, *Relatório do COI cita 'crise profunda' vivida pelo Brasil*,¹⁹ o repórter menciona que as coletivas foram antecedidas por reuniões entre o Comitê Executivo do COI e os delegados do Rio de Janeiro com base em uma série de documentos que, no entanto, não foram mencionados na coletiva.

Nesta semana, em Lausanne, o COI se reuniu para falar da situação do Rio.

Ao terminar o encontro, tivemos uma coletiva de imprensa com [Carlos Arthur] Nuzman [presidente do comitê organizador da Rio-2016], que garantiu que nem a crise política está afetando os Jogos. "Teremos um grande evento".

Horas depois, outra coletiva com Thomas Bach [presidente do COI]. Assim como Nuzman, ele garantiu que não está preocupado e que tudo caminha muito bem para os Jogos. "Estou muito satisfeito", disse.

De quebra, desviou a atenção da imprensa ao anunciar a criação de uma equipe de refugiados que iria para as Olimpíadas. Sorridente, respondeu às perguntas de forma vaga, sem dar detalhes. (CHADE, 2016b).

¹⁹ CHADE, J. Relatório do COI cita 'crise profunda' vivida pelo Brasil. **Estado**, 3 mar. 2016. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,relatorio-do-coi-cita-crise-profunda-vivida-pelo-brasil,10000019297>>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p327>

Floresta e Braslauskas (2009, p. 107) sinalizam que as coletivas são consideradas pouco produtivas pelas redações porque “todos os jornalistas saem de lá com as mesmas frases” o que exige “ter um material de apoio para acompanhar as notícias dessas entrevistas e conseguir publicar um diferencial em relação à concorrência”. Outro fator de preocupação é que, nas coletivas – muitas vezes – porta-vozes de instituições e organizações falam em nome destas. Se, de um modo geral, as fontes não deixam de insinuar posições, relações e interesses, em coletivas de imprensa, afirma Santos (1997, p. 77), elas “procuram assegurar um controlo o mais rigoroso possível sobre as informações que as organizações noticiosas publicam sobre elas, tendendo a publicitar as realizações favoráveis e a esconder os processos menos favoráveis”.

É exatamente isso que Chade evidencia pelo excerto, a seguir:

Momentos depois, obtive uma cópia de um dos informes sigilosos sobre o que de fato foi falado dentro da reunião: uma lista de sérios problemas a serem resolvidos no Rio, projetos “de alto risco” de abastecimento de energia aos locais das provas (isso mesmo!) e uma constatação de que o Brasil vive “uma profunda crise”. (CHADE, 2016b).

O uso da informação, mais uma vez motiva a reflexão do jornalista Jamil Chade; neste texto, entretanto, a preocupação focaliza o papel das fontes no processo de produção jornalística. Os documentos sigilosos a que teve acesso contrariavam as declarações dadas nas coletivas de imprensa. Sem se referir diretamente à apuração jornalística, evidencia o quanto ela colabora na verificação das informações que são repassadas aos repórteres.

Devido à dependência das fontes oficiais para esclarecer e ordenar os acontecimentos, uma vez que estes se ligam aos sistemas políticos e às

instituições públicas, muitas vezes o jornalismo acaba enredando-se nas versões trazidas pelas fontes. É atravessado por “explicações” que se originam nestes sistemas e organizações, dependentes do comportamento das pessoas – “[...] tudo caminha muito bem para os Jogos” (CHADE, 2016b). Ainda, a proximidade destas fontes o leva a incorreções ou a negligenciar elementos importantes para a constituição da notícia, como os “sérios problemas a serem resolvidos no Rio” (CHADE, 2016b).

Ao ler as mais de 40 páginas do informe, chego a três perguntas?

1. A coletiva de imprensa, feita para dar uma sensação de transparência ao COI sobre o que havia sido tratado nas reuniões, havia sido uma farsa? Afinal, muitos dos temas tratados nem sequer foram informados pelo COI aos jornalistas.
2. Ao simplesmente reportar o que ouvimos na coletiva sem ter acesso real ao conteúdo dos debates, nós da imprensa estamos sendo cúmplices da criação de uma ilusão? (fico só pensando quantas vezes “ajudei” a enganar ao cidadão ao reportar essas coletivas tomando a palavra desses senhores pelo valor de face).
3. O COI é tão diferente da Fifa, como ele alega ser? (CHADE, 2016b).

As interrogações formuladas por Jamil Chade, e que encerram a postagem, dão a ver um gesto de reflexão sobre o jornalismo, suas práticas, seus sujeitos e suas mediações. Gesto este que somente foi possível pelo fato de o correspondente ter acessado documentos que nortearam as reuniões no COI que antecederam as coletivas de imprensa. Por falar nelas, indaga-se acerca de sua função para a produção jornalística, se para dar transparência ao que fora tratado ou para encobri-lo diante de representantes de inúmeros meios de comunicação. Isso porque, comumente, em coletivas são tratados assuntos de relevância e que têm impacto na vida das pessoas.

Coloca em relevo o papel dos repórteres; conseqüentemente, da imprensa em meio às conexões, aos encontros, aos jogos de força, às

estratégias dos atores envolvidos na definição de sentidos de cada acontecimento: “[...] estamos sendo cúmplices da criação de uma ilusão?” (CHADE, 2016b). Ainda, amplia a crítica por um movimento autorreferencial, marcado pela experiência e pelo lugar de fala,²⁰ ao questionar-se “quantas vezes ‘ajudei’ a enganar ao cidadão ao reportar essas coletivas tomando a palavra desses senhores pelo valor de face” (CHADE, 2016b).

Por fim, ao colocar em relação o COI e a Fifa, mostra uma vez mais a importância da experiência para uma crítica das práticas jornalísticas. Jamil Chade integra uma rede mundial de combate à corrupção, além de ter publicado livro sobre a Federação Internacional de Futebol e os bastidores do futebol. Segundo Larrosa Bondía (2002, p. 26), “a experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética”, um modo singular de conduzir-se, de estar no mundo.

Considerações finais

Assumido como um dispositivo de crítica das práticas jornalísticas, assim como os livros de repórter (MAROCCO, 2015), os perfis de jornalistas no *Facebook* e no *Twitter* permitem identificar e analisar o que escapa aos controles e silenciamentos que perpassam os processos da produção jornalística. Por uma atitude reflexiva de confronto com o mundo, o presente é ponto de partida e chegada. Tomadas como textos sobre o jornalismo, as postagens de Jamil Chade foram por ele gestadas em meio à atualidade dos acontecimentos que reportava, de modo a conjugar a experiência e o lugar de fala que a correspondência internacional lhe proporciona. Foucault, em sua

²⁰ Para Braga (2000), o lugar de fala não diz respeito ao contexto, mas ao lugar construído pelo discurso em determinado contexto; não se reduz ao lugar sociológico do falante, mais o contém. O lugar de fala corresponde ao lugar construído pelo discurso no contexto, a uma resposta e ao lugar em que essa resposta faz sentido.

leitura da *Aufklärung* de Kant, afirma que a crítica “tem o papel de definir as condições nas quais o uso da razão é legítimo para determinar o que se pode conhecer, o que é preciso fazer e o que é permitido esperar” (2008, p. 340-341). Para o autor, a interrogação kantiana se configura em uma ontologia do presente, não uma analítica da verdade.

Os acontecimentos existem quando submetidos à ordem do discurso, por uma interpretação que procura comunicar a experiência, uma vez que os sentidos propostos pelo Jornalismo consideram que o acontecimento acontece a alguém e por esse viés precisa ser compreendido. É sabido também que o jornalismo detém o poder de reconhecer, selecionar, reelaborar e por em circulação certos acontecimentos e certos sentidos, isso em meio a controles e negociações internos às rotinas produtivas. Além disso, que realiza alguns movimentos no domínio dos sistemas informativos, no sentido de acessar aquilo que é produzido por outros meios. Finalmente, que no processo de acender as informações, as fontes têm uma função importante.

O peso da ação jornalística está nas escolhas realizadas em meio aos processos de produção e, por isso, marcadas pela ação do tempo. As negociações nas redações, os constrangimentos enfrentados pelos jornalistas, a preferência pelas versões das agências, a dependência das fontes, as maneiras de se chegar às informações e os erros ou elementos negligenciados em etapas do processo de produção jornalística, de algum modo, levam repórteres – e o próprio jornalismo – a serem enredados pelos acontecimentos que discursivizam. As postagens foram produzidas a partir do sistema jornalístico e, por isso, mostram um conjunto de procedimentos que possibilitam ao jornalismo ser como aparenta ser. Elas são devedoras da decisão do próprio jornalista em dar a ver a “si mesmo” e às práticas jornalísticas, ao constituir seu perfil pessoal em um site de rede social em lugar de questionamento e de

crítica de processos e experiências que se naturalizam sem que sejam suficientemente expostos e refletidos.

Referências

BORRAT, H. **El Periódico, actor político**. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. 'Lugar de Fala' como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: MALDONADO, Alberto Efendy; FAUSTO NETO, Antonio; COGO, Denise; BRAGA, José Luiz et all. **Mídia e processos socioculturais**. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2000. p. 159-184.

CHADE, J. **Nos bastidores de um erro global**. [S.l.], 2016a. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 1º fev. 2016; 22:44. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=10153255168066555&id=533916554>. Acesso em: 2 fev. 2016.

_____. **Como se fabrica uma ilusão**, 2016b. [S.l.], 2016b. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 3 mar. 2016; 12:55. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=10153309182656555&id=533916554>. Acesso em: 3 mar. 2016.

CORNU, D. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CHRISTOFOLETTI, R.; VIEIRA, L. Erro em portais noticiosos: considerações sobre qualidade e ética. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais**. Brasília, DF: UnB; SBPJor, 2013.

FÍGARO, R.; NONATO, C.; BULLA, O. O silêncio como prescrição para o trabalho do jornalista. In: III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo, 2015, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Mejor, 2015, p. 228-241.

FISHMAN, M. **La fabricación de la noticia**. Buenos Aires: Tres Tiempos, 1983.

FLORESTA, C.; BRASLAUSKAS, L. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. v. 3. São Paulo: Saraiva, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Ditos e escritos, v. II).

_____. Qu'est-ce que la Critique?. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, t. LXXXIV, année 84, n.2, p.35-63, avr./juin. 1990.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRAGOSO, S. et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GANS, H. J. **Deciding what's news**. New York: Vintage Books, 1980.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan.-abr. 2002.

LEAL, B. S.; LAGE, I. A retórica testemunhal em narrativas da Trip, Tpm E Rolling Stone. **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 64-81, 2015.

MAROCCO, B. A. Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 30, p. 73-85, dez. 2015.

MAROCCO, B.; BERGER, C. A dupla falta do editor de jornal, nos livros e cursos de jornalismo. In: FELIPPI, A. T. et al. (orgs). **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 17-30.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer?: como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p327>

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RÜDIGER, Francisco. Crítica. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2014. p. 122-123.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SILVA, A. R.; MAROCCO, B. Murmúrios de Aion. Tempo e Jornalismo. **Verso e Reverso**, v. 22, n. 49, ano XXII. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

SILVA, C. E. L. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, L. M. Por que a imprensa erra? Cem casos e algumas hipóteses. In: X COMPÓS, 2001, Brasília. **Anais**. Brasília, DF, Compós, 2001.

SCHUDSON, M. Por que é que as notícias são como são? **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 14, p. 7-27, 1991.

TAMBOSI, O. Jornalismo e teorias da verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2007.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VAZ, P. Prefácio. In: BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. p. 13-18.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAMIN, A. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, PUCRS, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set-dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2014.3.16716>>.

_____. Meios-fonte nas páginas de internacional de O Estado de S. Paulo. **Galáxia**, PUCSP, São Paulo, n. 22, p. 250-261, dez. 2011.

ZAMIN, A.; SCHWAAB, R. Um acidente no relato, um atentado na edição; e outras reflexões acerca das práticas jornalísticas. **Galaxia**, PUCSP, São Paulo, n. 34, jan-abr., 2017, p. 163-174. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201727205>>.

PARA CADASTRO DE AUTORES:

Nome: Angela Zamin

Titulação: Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos)

Instituição de origem: Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen

Resumo da Biografia:

Jornalista. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Unisinos). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). Email: angelazamin@gmail.com

Endereço de contato:

Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Linha 7 de Setembro, s/n BR 386 Km 40
Telefone: (55) 3744-0600